



A confluência das temporalidades: a *Commedia* (1321) de Dante Alighieri (1265-1321) e o Velho de Creta

La confluència de temporalitats: la *Comèdia* (1321) de Dante Alighieri (1265-1321) i el Vell de Creta

La confluencia de temporalidades: la *Comedia* (1321) de Dante Alighieri (1265-1321) y el anciano de Creta

The confluence of temporalities: Dante Alighieri's *Commedia* (1321) and the Old Man of Crete

Daniel Lula COSTA¹

Resumen: El objetivo de este artículo es comprender las temporalidades que emanan de la *Comedia* de Dante Alighieri e ilustrarlo con un breve estudio del Viejo de Creta, un ser híbrido descrito en el Canto XIV de la primera parte de la obra, llamada *Infierno*. Dante, a la vez escritor y personaje de esta obra, recorre el más allá medieval como un ser vivo, descubriendo sus misterios y descifrando sus mensajes. Así, busco comprender el tiempo mítico y su relación con la idea del tiempo cílico y la manifestación de un tiempo lineal y teleológico, dilucidado por el auge del cristianismo en el siglo XIV. Posteriormente, relaciono estas ideas con la presencia de seres híbridos dantescos, prestando especial atención a la creación poética del Viejo de Creta, entendiéndolo como portador de una hibidez de temporalidades. El estudio que aquí se propone se basa en los conceptos de Gumbrecht sobre la *presencia del pasado*, la *figuración* de Auerbach y los *seres híbridos* de Costa como contribuciones teóricas y metodológicas.

Palabras clave: Temporalidades – Presencia – Dante – *Comedia*.

Abstract: The objective of this article is to understand the temporalities emanating from Dante Alighieri's *Commedia* and to illustrate this with a brief study of the Old Man of Crete, a hybrid being described in Canto XIV of the first part of the work, called *Inferno*.

¹ Professor da [Universidade Estadual de Maringá \(UEM\)](#). Doutor em História pela [Universidade Federal de Santa Catarina \(UFSC\)](#) com período de doutorado sanduíche na [Università di Bologna](#). Integrante do [HCIR-UEM \(Grupo de Pesquisa em História das Crenças e das Ideias Religiosas\)](#) e do [Meridianum-UFSC \(Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais\)](#). E-mail: daniel2309@gmail.com



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Dante, both a writer and a character in this work, journeys through the medieval afterlife as a living being, discovering its mysteries and deciphering its messages. Thus, I seek to understand mythical time and how it relates to an idea of cyclical time and the manifestation of a linear and teleological time elucidated by the strengthening of Christianity in the 14th century. I then relate these ideas to the presence of Dantean hybrid beings, paying special attention to the poetic creation of the Old Man of Crete, understanding him as a holder of a hybridity of temporalities. The study proposed here draws on Gumbrecht concepts of *the presence of the past*, Auerbach concepts of *figuration*, and Costa concepts of *hybrid beings*.

Keywords: Temporalities – Presence – Dante – *Commedia*.

ENVIADO: 08.08.2025
ACEPTADO: 26.09.2025

I. Considerações iniciais

[...] et uidi, quia non solum locis sua quaeque suis conueniunt sed etiam temporibus; et quia tu, qui solus aeternus es, non post innumerabilia spatia temporum coepisti operari, quia omnia spatia temporum, et quae praeterierunt et quae praeteribunt, nec abirent nec uenirent nisi te operante et manente.

[...] E comprehendi que não apenas todas as coisas se ajustam aos seus lugares, mas também aos seus tempos. E que vós, que sois o único eterno, não começastes a operar depois de inumeráveis espaços de tempos – pois todos os tempos, tanto os que passaram quanto os que hão de vir, não teriam passado nem viriam, se não fosse por vossa operação e permanência.²

O tempo é uma ideia muito discutida nas ciências humanas, em especial na História. A operação para se produzir um conhecimento histórico perpassa pela ideia de trabalhar

² SANTO AGOSTINHO. *Confissões* (trad.: Um devoto). Novo Hamburgo, RS: Logos Editora, 2025, Livro VII, 15, 21, pp. 304-307.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

as temporalidades, tendo consciência de que o historiador está inserido em um presente anacrônico ao passado que pretende compreender. E se, no caso, ele estuda o seu presente este passa a se constituir em um passado recente, mais próximo do historiador, porém sujeito às imprevistas transformações sociais e históricas do presente. Nesse caso, pensar o tempo é uma tarefa necessária aos historiadores, principalmente, para evitarmos tratar as fontes como se essas dessem sentido à própria temporalidade, pela distância entre sujeito e objeto.

Além dos historiadores se preocuparem com o tempo, também há um incomodo com as presenças de tempos passados que estão presentes no tempo presente. Com base nesse raciocínio, a minha preocupação reside nas várias sensações de presença do passado manifestadas pela própria fonte que me proponho estudar: a *Commedia*³, de Dante Alighieri. Mergulharemos, portanto, em uma jornada que propõe pensar uma instrumentalização das temporalidades para que possamos compreender o imaginário medieval presente na *Commedia*⁴, buscando entendê-las enquanto descontínuas e múltiplas, inseridas em uma cultura que entende o passado como manifesto no presente e que tende para um *telos*, um fim, configurado pela crença na eternidade. O objetivo é compreender as temporalidades emanadas na fonte histórica por meio de um breve estudo do Velho de Creta, híbrido descrito no Canto XIV da primeira parte da *Commedia*, denominada *Inferno*.

Aqui trato da forma como as temporalidades foram experimentadas por Dante Alighieri ao compor a sua *Commedia*. Isso não pretende afirmar que não existissem outras formas de sensações temporais possíveis de serem observadas em outras fontes, as quais merecem ser problematizadas com novas indagações. O caso do Velho de Creta

³ DANTE ALIGHIERI. *Inferno* (a cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio). Milano: Garzanti, 2014.

⁴ As citações da *Commedia* no idioma original são provenientes da seguinte edição: DANTE ALIGHIERI. *Inferno* (a cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio). Milano: Garzanti, 2014, enquanto a tradução para o português que segue cada citação do original faz parte da edição DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia* (traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins). Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

demonstra alguns vestígios que permitem relacionar a presença de mundos passados com a sua presentificação no *Inferno*, ou seja, na maneira como o personagem foi construído com base na confluência entre os tempos, não sendo apenas uma configuração do presente, mas uma relação entre os passados, o presente e os futuros, algo perceptível na mitologia dantesca construída pelo poeta.

Para discorrermos sobre nosso objeto de estudo, a confluência de temporalidades em personagens da *Commedia*, como é o caso do Velho de Creta, é importante apresentarmos a nossa fonte histórica. A *Commedia* foi escrita no século XIV, entre 1301 e 1321, por Dante Alighieri, poeta que nasceu em Florença e ficou exilado de sua cidade natal, refugiando-se nas casas de amigos e aliados políticos. A obra foi dividida em três partes: *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*. Dante é personagem da obra e viaja pelo pós-morte medieval enquanto ser vivo, conhecendo seus mistérios e decifrando suas mensagens. Nesta obra, os tempos confluem em seu enredo e tornam o *Inferno* e o *Paraíso* fontes que sinalizam a eternidade, o eterno presente, enquanto no *Purgatório* há deslocamento no tempo e no espaço, portanto, tempo *telos*, com a finalidade de acesso ao plano celeste.

Essa construção cosmológica dantesca demonstra os suportes do pós-morte da mitologia cristã que circulava pelo medievo, como é o caso dos seus ambientes e, também, da eternidade como objetivo último: a salvação. Dante escreve sua obra quando está exilado de sua cidade natal, Florença, provavelmente entre 1304 e 1321. Ao compor o *Inferno*, parte da obra que interessa para nossa análise, Dante utiliza diversos recursos poéticos, principalmente o uso de referências antigas encontradas na poética latina e grega. Poetas como Virgílio, Ovídio, Horácio, Lucano, dentre outros, emergem na obra por meio do estilo poético como também de personagens e versos que são inspirados em seus textos.⁵ Dante foi leitor de filosofia antiga e medieval, autores como Cícero e Boécio também estavam sob os interesses do poeta, este último de onde emana parte da filosofia agostiniana.⁶ Dante comprehende que o inferno é um

⁵ LEDDA, Giuseppe. *Dante*. Bologna: Il Mulino, 2008, p. 107.

⁶ BARBERO, Alessandro. *Dante: a biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 92.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

ambiente que reside na eternidade, ou seja, é um ambiente em que o tempo age de forma diferente, pois ali ele confluí em inúmeros acontecimentos e eventos. O tempo mítico, por exemplo, aparece na narrativa da formação dos rios do inferno: Flegetonte, Cocito, Aqueronte e Estige. Essa relação entre tempo e eternidade foi problematizada por Cocco⁷, que analisa os movimentos dos personagens na *Commedia*, concluindo que o Inferno e o Paraíso são diferentes do Purgatório em sua relação de tempo, nos dois primeiros temos um deslocamento no espaço e não temos um deslocamento no tempo.

Além dessa forma de compreender a sensação do tempo sagrado, há também um tempo que é presente e acontece em relação ao passado, ou seja, a maneira como ele passa na superfície terrestre (local em que se pode visualizar o céu e medir o tempo), essa confluência entre passado e presente é sentida pelos personagens do *Inferno* que podem se lembrar e prever o futuro figurado, ou seja, o futuro da *revelatio*. Inspirado em notar no mundo as presenças da divindade e dos vestígios da sua sabedoria presentes em obras antigas, Dante colocou em prática uma interpretação neoplatônica que interrogou o passado descrito nas obras da antiguidade latina enquanto vestígios alegóricos da justiça divina ou de sua sabedoria, descrevendo-os na *Commedia*. O Velho de Creta é um desses personagens que ressoa o passado, o presente e o futuro em suas confluências mitológicas ao unir os acontecimentos míticos e não ao separá-los como se tivessem acontecido em momento distante, mas como se fosse a manifestação da eternidade que integra essas temporalidades.

Com o desejo de demonstrar a finalidade de meu entendimento dos tempos relacionado à forma substancial da maneira de sentir e pensar o tempo presente em Dante, primeiramente, proponho compreender algumas ideias relacionadas ao tempo e que foram manifestadas por algumas sociedades, principalmente pelo viés da escrita. Em seguida, busco compreender o tempo mítico e como ele se relacionava a uma ideia de tempo cíclico e a manifestação de um tempo linear e teleológico elucidado pelo fortalecimento do cristianismo no século XIV. Após isso, relaciono as ideias com as

⁷ COCCO, Marta H. “[A construção do tempo em *A Divina Comédia*](#)”. In: [Revista de Letras](#), São Paulo, v. 54, n. 1, jan./jun. 2014, p. 177.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

presenças dos seres híbridos dantescos, neste estudo, o Velho de Creta (Canto XIV) compreendendo-o enquanto detentor de hibridez de temporalidades. O estudo proposto aqui tem como aportes teórico-metodológicos os conceitos de presença do passado de Gumbrecht⁸, de figuração de Auerbach⁹ e de seres híbridos de Costa.¹⁰

II. O tempo mítico e o tempo da confluência

No mundo antigo, podemos encontrar, em algumas sociedades, noções temporais baseadas em conhecimentos míticos do mundo. É entendível que o mundo afroeuasoasiático estava conectado e dissipava ideias sobre o que era o mundo dos deuses e o que era o mundo dos seres humanos, os quais muitas vezes pareciam se encontrar e se comunicar com as pessoas. Pensar uma interpretação sobre a relação entre esses mundos é uma ideia moderna constituída pela tentativa de entender um mundo que é ideia e um mundo que é físico, dando ao primeiro uma noção de fantasia ou de distanciamento da realidade física. Nesse sentido, esse pensamento se difere das ideias neoplatônicas¹¹ de que o mundo das ideias era real e se entrelaçava ao mundo dos homens. Os mitos narravam acontecimentos que eram mostrados à consciência humana, que os cantava e poetizava garantindo a perpetuação da realidade das entidades às sociedades que se seguiam.

Nessa forma de pensar o tempo, há uma ação cíclica, como elucidado por Eliade¹², ao relacionar o ritual e o mito. Nos mitos greco-romanos há uma conexão entre início e fim de gerações de deuses que parecem se situar em um grande tecido que se inicia e se reinicia, baseando-se nas ideias que se movimentam e se agregam no conhecimento

⁸ GUMBRECHT, Hans Ulrich. “[A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado](#)”. In: *História da Historiografia*, vol. 2, n. 3, 2009, pp. [10-22](#).

⁹ AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997.

¹⁰ COSTA, Daniel Lula. “[Seres híbridos medievais: a revelação figural das harpias na Commedia de Dante](#)”. In: *Saculum-Revista de História*, v. 25, n. 42, 2020a, pp. [207-221](#).

¹¹ ESCUDÉ, Carlos. *Neoplatonismo y pluralismo filosófico medieval: un enfoque politológico*. Buenos Aires: Universidad del CEMA, 2011.

¹² ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

revelado a essas sociedades. O tempo mítico é manifestado nas narrativas que dão à existência uma revelação dos modelos primordiais, sendo os mitos a experiência de se relacionar com o mundo fluindo em atividades humanas, como a alimentação ou o casamento, o trabalho, a educação, a arte, dentre outros.¹³

Eliade investiga na mitologia uma referência para as condutas humanas e entende o tempo presente nessas narrativas como um tempo sagrado, que em um mito cosmogônico será a atividade dos entes primordiais na criação do mundo. O tempo mítico é compreendido como sagrado, sendo possível retornar a ele por meio dos ritos e das celebrações; todo rito envolve uma comemoração, uma celebração, uma presença da divindade, ou seja, manifestada na memória dos tempos primordiais que se torna presente no ritual. Eliade determina que o ritual reatualiza o mito.

Na perspectiva deste trabalho, defendo que o ritual faz mais do que reatualizar o mito, ele torna presente a manifestação das entidades e dos tempos de sua criação, ele manifesta uma presença do passado que é presentificada e vivenciada na comemoração ou na celebração, uma prática que causa intensidade na sensação corpórea do participante do culto e do rito. A vivência dos mistérios se desenvolve pela prática, ou seja, pela experiência de vida, morte e renascimento, dificultando a compreensão de uma polaridade entre o sagrado e o profano.

Retornando ao entendimento das configurações de tempo, o ciclo ou o retorno estava associado à posição dos astros e seus movimentos – a lua e suas fases eram presenças do nascimento e do renascimento, por exemplo – às estações do ano e ao movimento do sol. O próprio Dante demonstra essa sensação de medida do tempo com base nos astros em sua obra *Commedia*, quando no Canto XI ele pergunta a Virgílio se era possível saber o momento do dia, e Virgílio, que é uma alma destinada ao Limbo, consegue saber o local das estrelas no céu: “Ma seguimi oramai che ‘l gir mi piace/ ché i Pesci

¹³ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*, op. cit., p. 10.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

guizzan su per l'orizzonta" (*Inf.* XI, 112-113)¹⁴, "Segue-me, agora: A marcha aqui me apraz. / Os Peixes já se deixam no alto ver" (*Inf.*, XI, 112-113).¹⁵ Como esses movimentos se repetiam, eles também influenciavam na presença das entidades divinas e do envolvimento mitológico que buscavam um eterno retorno ou o retorno a uma época gloriosa e mística. Para algumas culturas antigas e medievais, isto impulsionou a ideia das Idades Míticas¹⁶ que aparecem primeiro nos mitos e depois em obras religiosas e filosóficas.¹⁷

O tempo cíclico é sentido como um círculo que gira indefinidamente, repetindo-se.¹⁸ Podemos pensar no caso de Hesíodo, que narra, em sua *Teogonia*, a manifestação de Urano e sua queda pelo filho Cronos e, posteriormente, a queda de Cronos por seu filho Zeus, o que culminara em uma construção de idades, gerações de momentos mitológicos, a qual Hesíodo denominará, em sua obra *O trabalho e os dias* como a Idade de Ouro, de Prata, de Bronze, dos Heróis e de Ferro.

Depois que ocultou esta raça debaixo da terra,
De novo, outra quarta, sobre a terra multinutriz
Zeus Cronida fez, mais justa e mais nobre,
Raça divina dos homens heróis. São chamados
Semideuses. Precedem a nossa na terra sem fim.
A estes, guerra cruel e cantos de combate.¹⁹

¹⁴ DANTE ALIGHIERI. *Divina Commedia – Inferno* (a cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio). Milano: Garzanti, 2014, p. 119.

¹⁵ DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia: Primeiro Volume: Inferno* (traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins). Belo Horizonte: Itatiaia, 1991, p. 198.

¹⁶ Conceito utilizado por Le Goff para se referir aos movimentos de renovação das culturas de acordo com a oralidade ou com as narrativas míticas de que dispõe e acreditam. Estas idades anunciam um novo começo vinculado a fins escatológicos que se transformarão em renovação. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Unicamp: São Paulo, 2003, p. 288.

¹⁷ LE GOFF, Jacques. *História e memória*, *op. cit.*, p. 284.

¹⁸ ELIADE, Mircea. *Sagrado e Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 56.

¹⁹ HESÍODO. *O trabalho e os dias* (tradução, estudos e notas Luiz Otávio de Figueiredo Mantovaneli). São Paulo: Odysseus, 2011, p. 59.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Esse raciocínio com base em eras ou idades é encontrado em outras culturas, dentre as quais podemos nos remeter à hebraica. No pensamento hebreu, há uma singularidade em comparação ao pensamento mitológico greco-romano. O tempo é um ritmo constante com base em movimentos humanos e divinos que se relacionam e caminham para a eternidade, para o fim do tempo, para deus ou para a cidade prometida. O tempo dos hebreus acontecia por meio da recordação constante dos eventos do passado, ou seja, remetia-se ao acontecimento como uma forma de rememorar os atos de deus e dos seres humanos.²⁰

Buscava-se, no entanto, manter a aliança que haviam feito com deus, a qual possui como dever a lembrança dos eventos, mantendo a memória ativa como arquivo de presenças passadas. A aliança dos hebreus para com deus é uma das diferenças da ideia de tempo greco-romana. O tempo dos hebreus é linear e apresenta narrativas heroicas possíveis de serem reconhecidas em estágios de um movimento cíclico, porém a descrição e a narração presente no Antigo Testamento, principalmente, no Pentateuco, é uma narrativa baseada nos acontecimentos e nas escolhas que se configuraram em um resultado possível: a salvação do povo eleito por deus.²¹

Na *Bíblia*, no livro de Daniel, é possível encontrarmos vestígios que nos remetem à forma do pensamento hebreu sobre o tempo e sobre as suas temporalidades, passado, presente e futuro. Ao reconhecer, no sonho de Nabucodonosor, uma revelação profética do destino do mundo, Daniel explica ao rei babilônico que deus lhe revelou os mistérios que agirão no decorrer dos próximos dias. O sonho descreve uma estátua imensa: “A cabeça da estátua era de ouro fino; de prata eram seu peito e os braços; o ventre e as coxas eram de bronze; as pernas eram de ferro; e os pés, parte de ferro e parte de argila.” (*Dn*, 2: 32-33).²² Daniel vê no sonho a revelação de acontecimentos futuros, com base em sua visão profética do mundo, para ele, cada parte corresponde

²⁰ MOMIGLIANO, Arnaldo. *Ensayos de historiografía antigua y moderna*. Mexico: Fondo de cultura económica, 1993.

²¹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*, *op. cit.*, p. 299.

²² BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012, p. 1554.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

a uma monarquia que deve ter uma segunda monarquia que a suceda, depois uma terceira e assim por diante, até que finalize na quinta, que será o reino de deus.²³

Nessa forma de sentir o tempo, há uma ideia de degradação, como se os tempos iniciais fossem perfeitos e caminhassem para a destruição do mundo, algo que, nos termos de Eliade, pode parecer pessimista, mas que é carregado de otimismo pois a deterioração segue com sinais que preveem a regeneração.²⁴

Com base nesse movimento do pensamento hebreu, há uma interrogação sobre o futuro e também uma revelação do que acontecerá no final dos tempos: o reino de deus. Há uma sucessão de eventos narrada na profecia que se estabelece de acordo com as monarquias atuantes, ou seja, em uma relação de poder política e religiosa, que se desenvolve perante a linearidade da profecia. Este livro, datado do século II a.e.c., foi recorrentemente relido e revisto pelas visões de mundo posteriores, com base em culturas diversas e principalmente na convergência entre culturas, ou seja, em sua transculturalidade, algo que se manifestara sobre outro manto com o fortalecimento do cristianismo na Europa a partir do século V e.c.

As relações entre temporalidades podem ser reconhecidas perante as outras leituras desse livro de Daniel que manifestam a tentativa de comunicação entre o passado da profecia e o presente do instante em que se lê. Há uma associação de temporalidades que busca como fim último a eternidade. Diferente das Idades descritas por Hesíodo, há, em Daniel, um fim que não recomeça, mas que se eterniza. Aqui entra em cena a ideia de um tempo que se manifestará na Idade Média e será reconhecido como elemento de mudança que acarreta uma espécie de continuidade do passado no presente. Esta simetria entre passado e presente preocupará a Patrística que verá no Antigo Testamento uma obra que remete ao sagrado e manifesta a vontade de deus em

²³ HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 32.

²⁴ ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969, p. 127.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

sua linguagem para se concretizar no Novo Testamento, funcionando como uma pré-figuração dos acontecimentos declarados no Novo Testamento.

Essa forma de pensar será desenvolvida conforme a busca pelo conhecimento e pela sua preservação, pois os medievais entendiam que o mundo estava vivo e em sintonia com o divino e com o ser humano, dando a este último uma abertura ou fluíção de pensamento mágico que revelava como a eternidade e a vontade de deus se manifestava no mundo. Acompanhada do neoplatonismo e das ideias de Aristóteles sobre substância e forma, os estudiosos medievais veem no mundo uma manifestação do divino, culminando na busca pelo entendimento, o qual só seria concreto se revelado aos olhos do ser humano. E, ao ser revelado, devia se organizar com base na verdade que se manifestou, funcionando como uma alegoria.

Com base nesse modelo de pensamento, a compreensão sobre o tempo se modifica, pois busca o pós-morte como uma imagem de futuro e se concentra em um presente que é a presença do passado. Sendo assim, o conhecimento agregado pelos antigos sobre seus deuses, heróis e sobre suas confluências entre natureza e ser-humano passam a ser pensados como uma possível manifestação pré-figurada e alegórica da verdade revelada que confluirá para o fim dos tempos, para um futuro carregado de expectativa que, por sua vez, culminará em narrativas sobre o pós-morte medieval. No caso de Dante, é possível notarmos que, na *Commedia*, há uma convergência de temporalidades que se manifestam na eternidade e, principalmente, no maravilhoso do mundo medieval, pois nele há uma pluralidade de forças.²⁵

Convém entender como Dante não manifesta uma representação do passado antigo em suas obras, mas declara uma presença dos antigos, tornada possível pelo imaginário do período em que ele está situado. Os medievais compreendiam que o passado estava em relação com o presente, assim como as coisas estavam em relação com o ser humano. Não havia uma distância entre sujeito e objeto ou entre indivíduo e sociedade, havia uma convergência de ideias que se configuravam no fim de toda coisa que existe, ela é

²⁵ LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 50.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

o que é e manifesta algo de outro que faz parte de sua própria substância (nos termos de Aristóteles)²⁶, este outro é a mensagem revelada, possível de ser lida pela comunicação entre o passado (pré-figurado) e o presente. Este modelo impulsiona o que Auerbach²⁷ elucida como leitura tipológica ou figural.

A Patrística desenvolveu formas de leitura da *Bíblia* que estavam preocupadas com uma associação entre o passado do evento presente no Antigo Testamento e o futuro presente no Novo Testamento, sendo o primeiro uma sombra desse segundo, uma profecia de seus acontecimentos. Nessa leitura, o Novo Testamento não seria apenas uma narrativa de uma época, mas também, a manifestação da profecia presente no Antigo Testamento, dois em um, uma relação de presença do passado que se manifesta na causalidade do Novo. Essa forma de leitura ficou conhecida como tipológica ou figural, pois estabelece uma ligação entre dois eventos, acontecimentos ou pessoas em que o primeiro e o segundo evento passam a se abranger, sendo que o primeiro significa a si mesmo e também o segundo, que preenche o primeiro.²⁸

Apesar de se concentrar, de acordo com os Pais da Igreja, em uma forma de se entender a narrativa bíblica, ela também esteve presente em outras obras, sendo a vontade daquele que escreve vincular o conhecimento antigo como se estivesse anunciando o contemporâneo. Sendo assim, a alegoria medieval passa por ser estimulada pela forma de compreensão do tempo, pois esse era o elemento primordial para se entender a presença de mundos passados no presente. A *Bíblia*, no medievo, era compreendida como uma obra que falava de personagens, objetos, eventos, natureza, pedras, de forma alegórica, sendo preciso procurar nos saberes da tradição os significados de cada um dos elementos.²⁹

²⁶ Sobre o conceito de substância: REIS, Maria Cecília Gomes dos. “Introdução”. In: ARISTÓTELES. *De anima*. São Paulo: Editora 34, 2006, p. 24-25.

²⁷ AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997.

²⁸ AUERBACH, Erich. *Figura*, *op. cit.*, p. 45.

²⁹ ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 128.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

A ideia sobre como o pensamento medieval construía sua relação com os antigos e lia neles uma “presença” do passado passa a modificar a forma como me relaciono e interrogo a fonte de pesquisa, a *Commedia*. Ao refletir sobre os seres híbridos como o Velho de Creta, presente no Canto XIV, percebo uma configuração de múltiplas temporalidades que são apresentadas pela narrativa, situando esse ser enquanto um ser híbrido de temporalidades múltiplas. Dessa forma, é importante situar o que entendo por ser híbrido. Ao contrário de notá-lo apenas com a possibilidade de ser um corpo detentor de duas ou mais espécies em si, verifico a relação de experiências de tempos e culturas anunciadas pela narrativa, um ser que manifesta presenças de transculturalidades, do movimento de culturas e de temporalidades.

Esses seres são encontrados em toda a *Commedia*, principalmente nos nove círculos infernais, como os guardiões, Caronte, Minós, Cérbero, Pluto, Flégiás, Medusa, Erínias, Minotauro, Harpias³⁰, Centauros, Gérião³¹, Gigantes.³² Assim, o Velho de Creta, como outros seres híbridos presentes na *Commedia*, são seres que manifestam mundos passados e desejos de futuro no instante da confluência, apresentado no enredo da narrativa como o espaço da eternidade. O Velho de Creta não necessariamente está presente no ambiente infernal, mas constitui sua criação, é por meio dele que os rios do inferno tomam forma e passam a existir. Este ser também não detém uma relação de múltiplas espécies em um único corpo, mas de temporalidades, culturas e elementos que se conectam, como ouro, prata, cobre, ferro e terracota.

Por isso, ao verificar o caso do Velho de Creta, precisamos pensar sobre os seres híbridos, que são na *Commedia*, em sua maioria, elementos míticos presentes no pensamento antigo greco-romano e hebreu. Dessa forma me pergunto sobre a

³⁰ COSTA, Daniel Lula. “[Seres híbridos medievais: a revelação figural das harpias na Commedia de Dante](#)”. In: [Saculum-Revista de História](#), v. 25, n. 42, 2020a, pp. 207-221.

³¹ COSTA, Daniel Lula. “Mitologia dantesca: a presença alegórica de Gérião na *Commedia*, de Dante Alighieri”. In: [SIGNUM-Revista da ABREM](#), v. 21, n. 2, 2020b, pp. 11-36.

³² COSTA, Daniel Lula. “[A transtemporalidade alegórica dos gigantes do Nono círculo do Inferno de Dante](#)”. In: [Revista de História Comparada](#), v. 16, n. 2, 2022, pp. 40-73.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

importância que Dante confere à sua narrativa e aos elementos que ele insere em seu enredo a partir de uma reflexão sobre o tempo, no caso, sobre a presença do passado.

Nessa obra, Dante reconhece, em seu espaço de experiência, a tensão entre o passado e o presente, uma visão do futuro baseando-se em sua vivência, conduta humana, política, social e cultural que o impulsionam a pensar seu espaço de experiência em uma tensão com a expectativa de futuro que produz o que conhecemos hoje como tempo histórico³³, que, na obra de Dante, se estabelece pelo saber composto pela presença do passado dos antigos, pela sua relação com o pensamento de seu período, ou seja, seu imaginário medieval, e pela sua expectativa de futuro que está concretizada no pós-morte, na eternidade, dimensão para a qual confluem as temporalidades se desenvolvendo em um eterno instante.

A *Commedia* é uma obra literária, portanto arte e conhecimento. Conforme Edgar Morin, a arte é o principal meio para entendermos a condição humana.³⁴ Esse tempo histórico tensionado, na obra de Dante, foi construído perante sua presença de mundo, dinamizada pelo fato de ser humano, sujeito às dores, à curiosidade, à vontade, à decifração, à tristeza, ou seja, perante o fato de estar no mundo e de viver o mundo de forma intensa. Dante é um autor medieval, sua obra revela um conjunto de saberes que, do século XII ao XIV, foram dinamizados, principalmente, pelo saber enciclopédico, que buscava reunir informações sobre o mundo físico para que se elucidasse a materialidade na qual o divino estava inserido, sendo, assim, possível comprehendê-lo em sua relação de presença.³⁵

É comum, nas fontes medievais, a presença de um pensamento corpóreo e não excêntrico, pois as coisas do mundo eram também um vestígio da Criação, assim como

³³ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

³⁴ MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

³⁵ ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro: Record, 2012.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

o corpo humano, dotado de espiritualidade e não desvinculado de seu espírito. Para entender esse pensamento, Gumbrecht³⁶ exemplifica por meio da preocupação medieval do ritual da ressurreição em que se remetia a um corpo que ressuscita e ainda se manifesta com a alma, com seu duplo. Era difícil conceber o corpo sem a ideia da alma, ambos estavam interligados.

Essa forma de pensar é denominada por Gumbrecht³⁷ como “cultura de presença”, em que não há uma preocupação última com o sentido já que ele só passa a se tornar uma necessidade a partir do século XVI, com o pensamento cartesiano em que a expressão do pensamento sobre o objeto dá condições de se identificar o sentido das coisas por meio do distanciamento entre o sujeito e o objeto.

Ao formular essas expressões, “cultura de presença” e “cultura de sentido”, que ele próprio define enquanto uma composição “binária”, mas sem más intenções, o autor se preocupa em buscar algo que não é linguagem e que ele denomina como presença, para então se situar na presença alicerçada na linguagem ou transmitida por ela. Essa intenção de Gumbrecht se postula em uma crítica ao que ele entende como “hermenêutica” ou “metafísica”, as quais se inserem na “cultura de sentido”. Em sua posição, a “metafísica” se refere a algo que está literalmente, “além do físico”, ou seja, nos sentidos que criamos sobre as coisas do mundo, mas que vão além da própria materialidade do mundo, se formulando em um apanhado de sentidos que passam a dar existência a algo que não é reconhecido no mundo material, mas em um sentido incorpóreo e distante, em um fortalecimento do longo caminho que separa a nossa relação sujeito e objeto.

Em uma “cultura de sentido” as relações entre sujeito e objeto estão fortalecidas pela noção de observação de mundo, que culmina no ato de interpretar o mundo com o

³⁶ GUMBRECHT, Hans Ulrich. “[A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado](#)”. In: *História da Historiografia*, vol. 2, n. 3, 2009, pp. 10-22.

³⁷ GUMBRECHT, Hans Ulrich. “[A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado](#)”, *op. cit.*



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

objetivo final de identificar ou de atribuir sentido. Isso parte da forma de se referenciar ao mundo, a autorreferência humana, que atribui sentidos ao mundo buscando possíveis significados nas coisas. A diferença central de uma “cultura de sentido” para a “cultura de presença” é que a primeira produz uma autorreferência humana incorpórea e distante das coisas do mundo por meio de uma prática excêntrica em relação à materialidade. Já a segunda está inserida numa cultura em que a autorreferência humana está delimitada pelo corpo e pela sua associação com as coisas do mundo, ou seja, aqui o sujeito se considera como parte do mundo e não como separado dele, os sujeitos sentem seu comportamento inserido em estruturas e regras de uma cosmologia.³⁸ O exemplo chave de uma “cultura de presença” que o possibilita exemplificar e confrontar uma “cultura de sentido” é o período medieval.

Ao tornar algo presente, a dimensão da “cultura de presença” é ativada como experiência, se colocada em relação aos objetos ou à linguagem que traz à tona uma experiência vivida da presença manifestada por sua materialidade e pelo seu conteúdo. Porém, devo me situar no período em que a fonte de estudo está localizada, na Idade Média, pois a cultura de presença demonstra uma espacialidade em uma cosmologia ordenada, estável, sem remeter a uma distância vis-à-vis com o passado.³⁹ É nessa relação da distância entre o passado e o presente que vincula à noção de *pré-figuração medieval*, enquanto uma forma de tornar o passado presente e em contato com a figura presenciada pela Patrística medieval e por alguns poetas desse mesmo período, como Dante Alighieri. Isso é possível ao notar que, na noção de “cultura de presença”, o tempo não tem a necessidade de modificar o mundo ou o seu meio, mas de se sintonizar com este e de ser parte dele.

A prática de leitura pré-figural vincula o passado com o presente por meio de uma leitura profética. A linguagem que se utiliza para trazer o passado para diante nota como

³⁸ GUMBRECHT, Hans Ulrich. “[A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado](#)”. In: *História da Historiografia*, vol. 2, n. 3, 2009, p. 13.

³⁹ GUMBRECHT, Hans Ulrich. “[A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado](#)”, *op. cit.*, p. 17.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

associado e diretamente influente no presente, no mundo, sendo presenciado como um vestígio da possível figura preenchida que se concretizará no fim dos tempos. No caso da *Commedia*, percebe-se a confluência temporal do passado interligado ao presente e ao futuro, o fim dos tempos, o pós-morte. É importante notar que, para entender o conceito de presença, é necessário vinculá-lo à “cultura de presença” medieval que estava inserida em um mundo que operacionalizava o universo e a materialidade por meio da crença e da conduta cosmológica mística e mitológica, ligada ao passado presente nas religiões pré-cristãs e no cristianismo, ao pensar na cultura em que estas práticas religiosas estavam inseridas.

Para compreender melhor essas relações, convém averiguar a relação entre o ser híbrido Velho de Creta e a presença dentro das percepções de Dante Alighieri em sua *Commedia*, na qual a presença se insere em um domínio corpóreo, em que o ser humano faz parte do mundo e não busca dar significados externos ao próprio ser, em um ambiente como o inferno, dotado de união das sensações das temporalidades no eterno presente, o que é fomentado pela sua narrativa mítica.

III. O caso do Velho de Creta enquanto um híbrido dantesco

A ideia de eternidade está inserida no pensamento desenvolvido por Dante sobre o inferno e o paraíso, ambientes nos quais a eternidade se estabelece enquanto um presente total, em um instante eterno que não reconhece mudança, mas reconhece movimento. Importante de se notar é a segurança do juízo divino expressado por Dante e os personagens descritos pelo poeta. É nesse segurança em que são exibidas algumas chaves proféticas que confirma o registro de uma história passada.⁴⁰ As almas do inferno estão constantemente se movimentando, o movimento é parte do indicativo da repetição, da punição: “La bufera infernal, che mai non resta, / mena li spirti con la sua

⁴⁰ PASQUINI, Emilio. *Vita di Dante: i giorni e le opere*. Milano: Saggi, 2015, pp. 30-31 (a tradução é nossa).



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

rapina; / voltando e percotendo li molesta" (*Inf.* V, 31-33)⁴¹, "A borrasca infernal, que nunca assenta, / as almas vai mantendo em correria; / e voltando, e batendo, as atormenta" (*Inf.*, V, 31-33).⁴²

O tempo de uma época como a medieval é aqui compreendido como uma longa duração em que é possível desacelerar e estabelecer uma análise micro e macro da dimensão histórica, pois o *translatio studiorum*⁴³ se movia por meio de uma agregação e apropriação de saberes revelados pelos povos antigos, pelos árabes e pela patrística, que foram colocados em prática ao longo da Idade Média.⁴⁴

É importante demonstrar que essa confluência entre passado e presente que perpassa o próprio corpo de Dante, ou seja, sua espiritualidade e materialidade humana, é dotada de um espaço de experiência que é desenvolvido pela própria vivência de Dante pelo mundo, por estar-no-mundo. De seu nascimento, 1265, até sua morte, 1321, Dante expirou e inspirou um movimento do saber que se dinamizava do macro, do contexto, para o micro. Seu espaço de experiência, suas leituras e a forma de presenciar a realidade foram elucidadas na *Commedia*, que narra a sua jornada pelo pós-morte medieval. Ali o denominado por alguns estudiosos como Dante-personagem é, na realidade, o próprio Dante.

A *Commedia* é dotada de uma tensão temporal e se estabelece em um contexto no qual o alegórico mágico e místico estava estabelecido, assim como aquela alegoria que reconhece o verbo, ou seja, a palavra; mas Dante estava preocupado com a polissemia

⁴¹ DANTE ALIGHIERI. *Divina Commedia – Inferno* (a cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio). Milano: Garzanti, 2014, p. 46.

⁴² DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia: Primeiro Volume: Inferno* (traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins). Belo Horizonte: Itatiaia, 1991, p. 140.

⁴³ LIBERA, Alain de. *A filosofia medieval*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

⁴⁴ SILVEIRA, Aline Dias da. “[Saber em movimento na obra andaluza Gāyat al-hakīm, o Picatrix: problematização e propostas](#)”. In: [Revista Diálogos Mediterrânicos - Dossiê "Pasolini: um intelectual multifacetado](#), n. 9, dez., 2015, p. 172.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

de seu discurso, o que chamou em carta a Can Grande della Scala como *polisensa*⁴⁵, ou seja, com a manifestação alegórica desenvolvida pelos Pais da Igreja que reconheciam na alegoria uma possível comunicação do divino que está no mundo, por meio da Criação, sendo então desenvolvida perante uma articulação de leitura enraizada no que entendo por revelação figural, a leitura operacionalizada pelos Pais da Igreja. Em relação a Dante, essa leitura se realiza na tensão entre passado, que no caso são as alegorias dos mitos greco-romanos lidas por Dante em seu presente, e o futuro estabelecido como um caminhar para o eterno, para a morte. Essa tensão é desenvolvida por Dante mediante uma leitura figural e alegórica de mundo, sendo possível de ser reconhecida nos seres híbridos presentes na obra, como é o caso do Velho de Creta.

Para analisar esse movimento, retorno à profecia de Daniel, que fora revista por Dante e está presente na *Commedia*. Nessa obra, há uma revelação do sonho de Nabucodonosor, porém ela é manifestada como uma figura que enquadra seu passado Bíblico, o presente de Dante e seu futuro (escatológico). Além disso, Dante se utiliza da leitura tipológica ou figural⁴⁶ que, ao entender o Antigo Testamento como pré-figuração, passa a buscar, nos antigos, principalmente gregos e romanos, e na relação com seu presente, uma possível figura que revela a verdade sobre o sonho de Daniel. Nesse caso, Dante manifesta outra leitura da profecia, configurando a ela uma relação com a obra *Metamorfose* de Ovídio e o sonho de Nabucodonosor, delimitando sua figuração na eternidade, enquanto uma sombra legítima do futuro.

Em *Metamorfose*⁴⁷ de Ovídio (século I a.e.c.), as eras são narradas perante o surgimento do mundo e dos deuses e descritas de acordo com suas diferenças, principalmente em relação ao ser humano e o mundo. Baseando-se em Hesíodo, em sua obra *O trabalho e os dias*, Ovídio faz uma releitura das conhecidas Idades que, para Hesíodo, foram

⁴⁵ DANTE ALIGHIERI. *Epistola XIII: Lettera a Cangrande* (traduzione di Maria Adele Garavaglia). Biblioteca dei Classici italiani di Giuseppe Bongui, 1996.

⁴⁶ AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997.

⁴⁷ OVÍDIO. *Metamorfose* (tradução, introdução e notas por Domingos Lucas Dias). São Paulo: Editora 34, 2017.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

dispostas como Idade de Ouro, Idade de Prata, Idade de Bronze, Idade dos Heróis e Idade de Ferro. Já na *Metamorfoses* de Ovídio não existe uma Idade dos Heróis.

A descrição romana da Era dos Homens se aproxima da ideia alegórica pertencente à *Commedia*. Dante se apropria da profecia de Daniel, de um gigante com cabeça de ouro sobre o qual se explica “A cabeça da estátua era de ouro fino; de prata eram seu peito e os braços; o ventre e as coxas eram de bronze; as pernas eram de ferro; e os pés, parte de ferro e parte de argila.”⁴⁸ (*Dn*, 2, 32-33). Essa visão foi recorrentemente interpretada como uma profecia das sucessões de impérios da Era dos Homens, do babilônico ao romano, e culminando no fim que chegaria à eternidade.

Dante, no Canto XIV do *Inferno*, descreve, de modo alegórico, o Velho de Creta. Na narrativa, Dante e Virgílio estão no sétimo círculo do inferno, em seu terceiro giro, onde há um grande areão ardente, devido à constante chuva de chamas, e, à sua beirada, há um rio de sangue que flui, chamado Flegetonte. Durante a caminhada, Virgílio explica a Dante a origem dos rios do inferno, que são resultado da figura do Velho de Creta. Dante insere-o na Ilha de Creta, mais especificamente, na montanha conhecida como Ida, “Una Montagna v’è che già fu lieta / d’ acqua e di fronte, che si chiamò Ida;” (*Inf.* XIV, 97-98)⁴⁹, “Nela, alta serra havia, e era repleta / de água corrente e verdes matas, Ida, / e agora é triste, abandonada, abjeta” (*Inf.*, XIV, 97-98)⁵⁰, onde Réa esconde seu filho Júpiter de seu pai Saturno.

Dentro dal monte sta dritto un gran veglio,
che tien volte le spalle inver’ Dammiata
e Roma guarda come suo specchio.

La sua testa è di fin oro formata,

⁴⁸ BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012, p. 1554.

⁴⁹ DANTE ALIGHIERI. *Divina Commedia – Inferno* (a cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio). Milano: Garzanti, 2014, p. 153.

⁵⁰ DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia: Primeiro Volume: Inferno* (traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins). Belo Horizonte: Itatiaia, 1991, p. 226.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

e puro argento son le braccia e l'petto,
poi è di rame infino a la forcata;

da indi in giuso è tutto ferro eletto,
savo che 'l destro piede è terra cotta;
e sta 'n su quel, piú che 'n su l'altro, eretto.

Ciascuna parte, fuor che l'oro, è rotta
d'una fessura che lagrime goccia
(*Inf.* XIV, 103-113).⁵¹

No monte um grande vulto se formava
de um velho, que a Damiata as costas dando,
à sua frente Roma contemplava.

De ouro a cabeça tinha cintilando,
e eram de prata os braços seus e o peito,
de cobre as partes flácidas mostrando;

do flanco abajo era de ferro feito,
menos o esquerdo pé, de terracota,
no qual se firma e se mantém direito.

De cada parte, exceto da áurea, brota
de lágrimas um fio, que inda hesita,
(*Inf.* XIV, 103-113).⁵²

Esse gigantesco velho já havia sido prefigurado no livro de Daniel, como a gigante estátua do sonho de Nabucodonosor. Porém Dante lhe confere uma característica física, denominando-o Velho. A descrição dos elementos que compõem o corpo do

⁵¹ DANTE ALIGHIERI. *Divina Commedia – Inferno* (a cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio). Milano: Garzanti, 2014, p. 154.

⁵² DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia: Primeiro Volume: Inferno* (traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins). Belo Horizonte: Itatiaia, 1991, pp. 226-227.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Velho é mais próxima das pré-figurações das Eras do Homem descritas em Ovídio, como estágios determinados pelo tempo e pela experiência humana com o passado.

Dessa forma, Dante figura o Velho como uma sombra do futuro, pois ele tem em sua essência as experiências do tempo. Ele é a representação da uma humanidade que caminha para a sua corrupção.⁵³ Noto que ele é uma alegoria da humanidade, do tempo, da presença das suas fases no mundo terreno, já que sua cabeça é de ouro e remete a um tempo anterior ao pecado, à Queda, sendo a única parte do corpo que não é desgastada pelas lágrimas do Velho que formam fissuras no corpo, no cobre, na prata, no ferro e na terracota.

Esses dois últimos elementos estão separados na descrição dantesca, enquanto, no sonho de Nabucodonosor, os elementos estão unidos e formam os pés da estátua. Os pés do Velho são diferentes em sua essência, um deles é de ferro, alegoria do poder imperial e o outro de terracota, alegoria do poder da Igreja. Ambos são necessários para manter o Velho em suspenso e equilibrado, porém seus elementos conferem a cada uma das partes uma composição total do tempo vivenciado pela humanidade e revelado por Dante em sua obra. Este ser é descrito na eternidade, no tempo mítico, quando os rios do inferno foram formados. Sua narrativa dá presença a ele no inferno, confluindo a criação e a sua alegoria que se manifesta na construção dos próprios rios.

A posição do Velho também funciona como importante destaque já que ele se encontra na Ilha de Creta, um local que carrega simbologias mitológicas dos deuses antigos e se enquadra no limite entre o ocidente e o oriente, estando o Velho de costas para o oriente representado como Damiata, no Egito, e de frente para Roma, para o ocidente, “e Roma guarda come suo specchio” (*Inf. XIV, 105*)⁵⁴, “à sua frente Roma contemplava” (*Inf. XIV,*

⁵³ DANTE ALIGHIERI. *Divina Commedia – Inferno* (a cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio). Milano: Garzanti, 2014, p. 153.

⁵⁴ DANTE ALIGHIERI. *Divina Commedia – Inferno* (a cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio). Milano: Garzanti, 2014, p. 154. Na tradução de Cristiano Martins encontramos uma versão não literal com a original de Dante: “à sua frente Roma contemplava”: DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia:*



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

105).⁵⁵ Dante desenvolve a poética ao inserir o Velho de Creta “in mezzo mar” (*Inf.* XIV, 94)⁵⁶, “Do mar a meio existe” (*Inf.*, XIV, 94)⁵⁷, ou seja, ele está no meio do caminho entre Damiata e Roma, na ilha de Creta, na montanha Ida. Alguns estudiosos, dentre eles Camozzi⁵⁸, indicam a presença do terceiro livro da *Eneida* nessa passagem, pois é ali que Virgílio insere Creta no meio do caminho de Enéias. Dante também denomina essa ilha como uma região que está no meio do mar e que agora é um “paese guasto” (*Inf.* XIV, 94)⁵⁹, “decadente, / uma ilha” (*Inf.*, XIV, 94-95).⁶⁰

Uma possível forma de aludir à época áurea de Creta, quando estava sob o domínio de Saturno na Idade do Ouro, elemento que caracteriza a testa do Velho, que permite recordar a memória de um tempo mítico. Além disso, das lágrimas do Velho se formam os rios do inferno: Aqueronte, Estige, Flegetonte e Cocito. Esses são presenciados por Dante na sua descida ao inferno. Já o Velho é uma explicação dada por Virgílio para fornecer a Dante o conhecimento mítico da formação dos rios infernais. As lágrimas do Velho, de que são compostos os rios, passam a cair após a Queda do ser humano no pecado, corroendo suas demais partes que agora estão sujeitas à corrupção do mundo, ao mal, ao pecado que forma os rios do inferno.

Primeiro Volume: Inferno (traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins). Belo Horizonte: Itatiaia, 1991, p. 226.

⁵⁵ DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia: Primeiro Volume: Inferno* (traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins). Belo Horizonte: Itatiaia, 1991, p. 226.

⁵⁶ DANTE ALIGHIERI. *Divina Commedia – Inferno* (a cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio). Milano: Garzanti, 2014, p. 153.

⁵⁷ DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia: Primeiro Volume: Inferno* (traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins), *op. cit.*, p. 226.

⁵⁸ CAMOZZI, Ambrogio. “[Il Veglio di Creta alla luce di Matelda: una lettura comparativa di Inferno XIV e Purgatorio XXVIII](#)”. In: *The Italianist*, v. 29, 2009, pp. 4-49.

⁵⁹ DANTE ALIGHIERI. *Divina Commedia – Inferno* (a cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio), *op. cit.*, p. 153.

⁶⁰ DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia: Primeiro Volume: Inferno* (traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins), *op. cit.*, p. 226.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

De costas para Damiata, o Velho lembra de seu passado com base no que Quaglio e Pasquini descrevem como a origem da civilização e da mensagem divina, e do futuro que almeja ao estar diante de Roma, que os autores descrevem como o centro da civilização cristã do tempo de Dante.⁶¹ Dessa forma que eles entendem a compreensão do Oriente e do Ocidente nesta passagem. Há, nela, um cruzamento que perpassa a própria figuração do Velho de Creta que nasce em ambiente mítico, no entrelugares, entre o Oriente e o Ocidente e almeja o futuro, um símbolo de uma humanidade que se corrói pelo tempo, em Creta, onde o tempo inicia e termina, onde também se afirma que o reinado de Saturno fez o mundo florescer, no que é denominado como Idade de Ouro: “sotto ‘l cui rege fu già ‘l mondo casto.” (*Inf.*, XIV, 96)⁶², “cujo rei fez o mundo florescer” (*Inf.* XIV, 96).⁶³

Outro elemento importante que pode ser colocado em conexão com o Velho de Creta e a Idade de Ouro, é justamente o seu elemento físico, já que é parte da montanha Ida, em Creta. Ao elencar sua característica montanhosa, é possível relacioná-lo com a última passagem do Canto XIV, quando Dante pergunta a Virgílio sobre os rios: “E io ancor: ‘Maestro, ove si trova / Flegetonta e Letè? Ché de l’un taci,’” (*Inf.*, XIV, 130-131)⁶⁴, “‘Mestre’, eu disse, ‘onde os rios, pois, estão, / Letes e Flegetonte, que de um calas,’” (*Inf.*, XIV, 130-131).⁶⁵ O questionamento é justamente o motivo de Dante colocar nesta passagem dois rios tão distantes, o Flegetonte, presente no inferno e o Letes, presente no Paraíso Terrestre, no *Purgatório*.

⁶¹ DANTE ALIGHIERI. *Divina Commedia – Inferno* (a cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio). Milano: Garzanti, 2014, p. 159.

⁶² DANTE ALIGHIERI. *Divina Commedia – Inferno* (a cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio), *op. cit.*, p. 153.

⁶³ DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia: Primeiro Volume: Inferno* (traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins). Belo Horizonte: Itatiaia, 1991, p. 226.

⁶⁴ DANTE ALIGHIERI. *Divina Commedia – Inferno* (a cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio), *op. cit.*, p. 155.

⁶⁵ DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia: Primeiro Volume: Inferno* (traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins), *op. cit.*, p. 228.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Algo importante é identificar suas relações de temporalidade e de identificação literária, já que o Velho de Creta está também em uma montanha e, a partir dela, várias cosmogonias acontecem, como é o caso da criação dos rios infernais. Ele figura a Idade de Ouro de Saturno, quando era casto, ou seja, quando não estava dotado de luxúria e de maldade. Nesse sentido, o Letes está localizado no paraíso, em cima da montanha do purgatório, em seu topo, uma figuração da Idade de Ouro presente no Éden, quando a virtude possibilita a ligação com a criação divina.

O Velho de Creta poderia representar de forma antitética o purgatório em oposição ao paraíso terrestre situado em cima do monte.⁶⁶ O paraíso como imagem da idade de ouro da mitologia está bastante evidente em uma passagem do *Purgatório*: “Quelli ch’anticamente poetaro / l’età de l’oro e suo stato felice, / forse in Parnaso esto loco sognaro” (*Purg.* XXVIII, 139-141)⁶⁷, “Os cantores de outrora, ao celebrar, / no seu Parnaso, a idade áurea feliz, / pensariam talvez neste lugar” (*Purg.* XXVIII, 139-141).⁶⁸ O paraíso, ao ser dotado de eternidade une o passado com o presente e o futuro, no caso, Dante demonstra como os poetas do passado poderiam estar refletindo sobre o paraíso quando descreviam a Idade de Ouro. Podemos identificar que a hibridez de temporalidades do Velho é justamente a relação da passagem do tempo em idades figuradas com o passado antigo no qual a mudança ocorre e é sentida em cada uma das suas partes, principalmente por onde descem suas lágrimas que formam os rios infernais.

Com base nesse raciocínio, o Velho de Creta é uma alegoria da pré-figuração das Idades Míticas presentes nas narrativas latinas e gregas com especial atenção para a criação poética dantesca que o funde com a figuração cristã, sendo um vestígio do hibridismo

⁶⁶ STEFANI, Piero. “[Dal sogno del re di Babilonia al Veglio di Creta](#)”. In: *Humanitas*, v. 73/4, 2018, p. 569.

⁶⁷ DANTE ALIGHIERI. *Divina Commedia – Inferno* (a cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio). Milano: Garzanti, 2014, p. 460.

⁶⁸ DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia: Primeiro Volume: Inferno* (traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins). Belo Horizonte: Itatiaia, 1991, p. 253.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

de tempos e culturas. Dante inaugura o choro deste ser que tem como espaço o seu corpo que forma os rios infernais, um choro que é carregado de simbolismo por ser manifestado em um ambiente de dor e sofrimento. É a partir desse choro que a criação se manifesta, é a partir dele que os rios são criados.

Adiante, em sua jornada, Dante reflete e pergunta a Virgílio como pode as lágrimas do Velho de Creta terem sido criadas na superfície terrestre e descerem até o inferno, em um mundo distante. Essa questão demonstra um dos mistérios que incorrem em Dante, ou seja, o mistério da criação desse ambiente do pós-morte e de sua ligação com a superfície terrestre. Virgílio responde afirmando que Dante não conheceu grandes partes dos círculos do inferno, pois, ao descerem sempre à esquerda, ele acabou por não andar em nenhum giro por completo: “pur sinistra, a giù calando al fondo, / non se’ ancor per tutto ‘l cerchio volto;/ per che, se cosa n’apparisce nova, / non de’ addur maraviglia al tuo volto” (*Inf.* XIV, 126-128)⁶⁹, “à esquerda sempre, e já chegando ao fundo, / não foi por ti um giro completado; / assim, de coisas novas a visão” (*Inf.*, XIV, 126-128).⁷⁰

Essa questão levantada por Dante também evidencia sua preocupação em já estar no sétimo círculo e ainda não ter visto o rio Cocito, presente no nono círculo infernal. No entanto, essa mesma pergunta coloca em evidência as lágrimas do Velho como alegoria da água que desce pelas fissuras do planeta e se encontra no inferno, a partir da tristeza e da dor do Velho se manifesta o encontro com a região infernal, parte criada pelos saberes antigos dos gregos e romanos que se tornam pré-figurações para o conhecimento dantesco e para a patrística.

Nesse sentido, a figura do Velho também presentifica mudanças temporais, já que a humanidade caminha para a morte e, baseando-se no pensamento religioso, para o pós-

⁶⁹ DANTE ALIGHIERI. *Divina Commedia – Inferno* (a cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio). Milano: Garzanti, 2014, p. 155.

⁷⁰ DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia: Primeiro Volume: Inferno* (traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins). Belo Horizonte: Itatiaia, 1991, p. 227.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

morte. Se ele é uma alegoria da humanidade, representa, então, seus variados processos lineares de momentos históricos, como foi para Daniel ao interpretar o sonho de Nabucodonosor. Entretanto, para Daniel, a manifestação dessas categorias estava somente nas atribuições dos elementos que davam existência ao corpo do gigante; para Dante, o gigante também é destacado como um Velho, porém manifestado na Ilha de Creta, no centro de dois mundos, observando um enquanto se nega a ver o outro, como se a resposta para sua corrupção estivesse em Roma.

Um Velho que tem em seu corpo todos os tempos em uma presença da revelação figural que corrobora com o ser humano, que carrega em seu corpo as marcas do pecado e que caminha com os olhos voltados para Roma, mas que se encontra cruzado por dois mundos que alimentam o seu ser e fazem-no se sustentar, mantendo-se de pé, como se fosse uma estátua, o que ele não é, porque é chamado de Velho. Ele é uma revelação figural do tempo, o qual manifesta suas mudanças no corpo e na entendida linearidade da humanidade. Em Creta, onde Cronos se alimenta de seus filhos, está o tempo manifestado na narrativa dantesca. Entre dois mundos, o oriental e o ocidental, carregado da corrupção humana e de sua marca do pecado, mas voltado para a esperança dinamizada pelo futuro do pós-morte, o Velho, que é eterno e chora pelos pecados, corroendo seu próprio corpo.

Considerações finais

Tal estudo do Velho de Creta exemplifica a leitura pré-figural de Dante sobre o antigo que resulta na revelação figural de seu próprio horizonte, determinado no pós-morte, na sua expectativa de futuro. O Velho de Creta é resultado da circularidade de diversos conhecimentos antigos que incluem o livro de Daniel, escrito no século II a.e.c. (*Bíblia*) e a *Metamorfose* de Ovídio, obra do século I e.c., o que configura à alegoria dantesca uma convergência de temporalidades que dão presença ao Velho, pois, sem a presença do conhecimento dos antigos, não seria possível entender o espaço de experiência de Dante e a revelação de sua dimensão futura, que são revelados a ele em seu presente, no instante de sua narrativa.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

É desta forma que penso os seres híbridos como o Velho de Creta, buscando, em sua confluência de temporalidades, a ideia de um tempo mítico que confere à *Commedia* a referência de um conhecimento mitológico sobre o mundo medieval. Esse tempo mitológico é construído com base na sensação espiritual de Dante, presente em sua construção narrativa, cuja alegoria se manifesta em sua forma poética, em sua narrativa, na escolha de palavras e na estética da presença do passado que se convive no momento da escrita.

Essa presença configura a tensão do tempo histórico e a figuração que converte aos seres híbridos, como o Velho de Creta, a composição atemporal que os impulsiona, inserindo-os em uma narrativa mitológica, o que lhes permite transmitir a alegoria mística de tempos que confluem; como na sensação estética de uma construção profética guiada pela sabedoria manifesta na relação micro e macrocosmo.

Fontes utilizadas

- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012.
- HESÍODO. *O trabalho e os dias* (tradução, estudos e notas Luiz Otávio de Figueiredo Mantovaneli). São Paulo: Odysseus, 2011.
- DANTE ALIGHIERI. *Divina Commedia – Inferno* (a cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio). Milano: Garzanti, 2014.
- DANTE ALIGHIERI. *Divina Commedia – Purgatorio* (a cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio). Milano: Garzanti, 2014.
- DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia: Primeiro Volume: Inferno* (traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins). Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.
- DANTE ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Segundo Volume: Purgatório, Paraíso* (traduzida, anotada e comentada por Cristiano Martins). Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.
- DANTE ALIGHIERI. *Epistola XIII: Lettera a Cangrande* (traduzione di Maria Adele Garavaglia). Biblioteca dei Classici italiani di Giuseppe Bonghi, 1996.
- OVÍDIO. *Metamorfose* (tradução, introdução e notas por Domingos Lucas Dias). São Paulo: Editora 34, 2017.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões* (trad.: Um devoto). Novo Hamburgo, RS: Logos Editora, 2025.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

Bibliografia citada

- AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997.
- BARBERO, Alessandro. *Dante: a biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- CAMOZZI, Ambrogio. “[Il Veglio di Creta alla luce di Matelda: una lettura comparativa di Inferno XIV e Purgatorio XXVIII](#)”. In: *The italianist*, v. 29, 2009, pp. 4-49.
- COCCO, Marta H. “[A construção do tempo em A Divina Comédia](#)”. In: *Revista de Letras*, São Paulo, v. 54, n. 1, jan./jun. 2014, pp. [167-178](#).
- COSTA, Daniel Lula. “[Seres híbridos medievais: a revelação figural das harpias na Commedia de Dante](#)”. In: *Saculum-Revista de História*, v. 25, n. 42, 2020a, pp. [207-221](#).
- COSTA, Daniel Lula. “Mitologia dantesca: a presença alegórica de Gérião na *Commedia*, de Dante Alighieri”. In: *SIGNUM-Revista da ABREM*, v. 21, n. 2, 2020b, pp. 11-36.
- COSTA, Daniel Lula. “[A transtemporalidade alegórica dos gigantes do Nono círculo do Inferno de Dante](#)”. In: *Revista de História Comparada*, v. 16, n. 2, 2022, pp. [40-73](#).
- ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ELIADE, Mircea. *Sagrado e Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969.
- ESCUDÉ, Carlos. *Neoplatonismo y pluralismo filosófico medieval: un enfoque politológico*. Buenos Aires: Universidad del CEMA, 2011.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. “[A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado](#)”. In: *História da Historiografia*, vol. 2, n. 3, 2009, pp. [10-22](#).
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiência do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- LEDDA, Giuseppe. *Dante*. Bologna: Il Mulino, 2008.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Unicamp: São Paulo, 2003.
- LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- LIBERA, Alain de. *A filosofia medieval*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *Ensayos de historiografía antigua y moderna*. Mexico: Fondo de cultura económica, 1993.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- PASQUINI, Emilio. *Vita di Dante: i giorni e le opere*. Milano: Saggi, 2015.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal 41* (2025/2)
Languages and Cultures in Tradition. Art, Philosophy and Literature
Llengües i Cultures en la Tradició. Art, Filosofia i Literatura
Lenguas y culturas en la tradición. Arte, Filosofía y Literatura
Línguas e Culturas na Tradição. Arte, Filosofia e Literatura

Jun-Dic 2025
ISSN 1676-5818

REIS, Maria Cecília Gomes dos. “Introdução”. In: ARISTÓTELES. *De anima*. São Paulo: Editora 34, 2006.

SILVEIRA, Aline Dias da. “[Saber em movimento na obra andaluza Gāyat al-hakīm, o Picatrix: problematização e propostas](#)”. In: [Revista Diálogos Mediterrânicos - Dossiê "Pasolini: um intelectual multifacetado](#), n. 9, dez., 2015, pp. [169-188](#).

STEFANI, Piero. “[Dal sogno del re di Babilonia al Veglio di Creta](#)”. In: *Humanitas*, v. 73/4, 2018, pp. [560-574](#).